



Neamp

Nota dos Editores

Rafael de Paula Aguiar Araújo

Silvana Gobbi Martinho

O esquecimento é uma ameaça a todos. Os homens sempre procuram meios para perpetuar fatos, regras e sentidos, de modo a construir um estado de coisas permanente que possa servir de parâmetro para as ações e para a sociabilidade. Se jamais estamos sozinhos, se estamos sempre em relação, partilhando informações, significados e experiências, o relato surge como um dos recursos de construção e prolongamento da existência. Talvez seja essa a primeira forma de memória. Sua veracidade pode ancorar-se em fotografias, sons, cheiros, situações, em elementos que caracterizam, denotam a realidade e a confirmam.

Há uma insegurança no esquecimento, especialmente em um mundo controlado em que é preciso ponderar tudo, medir, calcular cada passo que se dá, a fim de se minimizar as possibilidades do engano, do erro. É preciso lembrar o que foi dito, os números, os lugares, as datas, as fontes. É preciso que os projetos estejam de acordo com o passado, para que possam ser justificados, ou mesmo o inverso, para que sejam reprovados e desconsiderados, quando isso significa uma estratégia específica.

A memória é, portanto, um tema que percorre o cotidiano, os convívios, os encontros, os momentos de lazer, quando as pessoas recobram passagens e elementos de conforto, ou mesmo os momentos de conflito, quando as ações passadas são expostas como argumentos e formas de cobranças e ataques.

Foram muitos os autores que sintetizaram a importância do tema para o desenvolvimento das Ciências Humanas. Nesse número da Revista Aurora será possível verificar algumas dessas contribuições em artigos que recuperam autores essenciais, tais como Maurice Halbwachs e Ecléa Bosí. É o que faz Paulo Ramirez, pesquisador da PUC-SP, ao avaliar os desdobramentos da memória involuntária em Proust e em Walter Benjamin. O autor recupera essas importantes referências para indicar a forma com que a memória permite uma constante reconstrução do passado. Encontrar um debate sobre memória nesse espaço, em que temas da comunicação e da arte são debatidos, é bastante significativo. É por meio da comunicação,



Neamp

seja na forma de relatos, seja através de registros nos jornais ou televisão, que a memória ganha materialidade. A relação entre a memória e a arte, por exemplo, é explicitada por Hannah Arendt, quando afirma que as obras artísticas fornecem durabilidade ao mundo. Nesse caso, além do registro e da permanência há um aspecto dinâmico propiciado pela arte, que situa os indivíduos em um lugar participativo, de constante resignificação. O artigo de Daniela Lucena, da Universidad de Buenos Aires, ao fazer uma análise da maneira como se difundiu e se consolidou a estética política do artista Tomás Maldonado nos anos 40 na Argentina, indica algumas das possibilidades da relação entre arte, memória e sociedade.

Um outro aspecto importante da memória reside no fato de ser fruto de uma seleção feita pelas pessoas a partir de seus interesses e identificações. É, portanto, um jeito de se mapear a forma como um grupo social enxerga o mundo. Um exemplo está no artigo de Robyn Fivush, da Emory University, dos Estados Unidos da América, ao analisar as narrativas intergeracionais na formação da memória coletiva de adolescentes. Por outro lado, o estudo da memória é uma maneira de se interpretar forças políticas que fizeram com que as pessoas selecionassem versões sobre os acontecimentos, bem como leituras específicas que desvelam exercícios de poderes.

Maria Leticia Mazzucchi Ferreira, da Universidade Federal de Pelotas, apresenta em seu texto uma avaliação crítica das políticas públicas de memória no Brasil, tratando o que chamou de estratégias de esquecimento. A resignificação do passado é um indício da necessidade de se atentar à importância da memória. A recomposição de sentidos e o reordenamento de fatos são elementos que podem alterar substantivamente as conjunções de poderes. Trata-se, portanto, de um recurso de dominação e controle que precisa ser analisado, uma vez que essas práticas denotam interesses e estratégias de grupos, empresas, ideologias, Estados.

A aproximação entre memória e política também pode ser feita a partir de outras perspectivas, como apresentam diferentes pesquisadores, aqui publicados, em textos que tratam da relação entre a memória e os meios de comunicação. Christian Pentzold e Vivien Sommer, do Institute for Media Research da Chemnitz University of Technology, da Alemanha, escrevem sobre a maneira como a Internet pode ser considerada um meio de memória coletiva e as implicações dessa afirmação. De uma outra perspectiva, mas com um recorte semelhante, Vera Doyle Dodebei, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), recupera



Neamp

importantes referenciais teóricos para se pensar a memória, individual e coletiva, e questiona a forma como se constitui em patrimônio nas redes digitais. Ainda sobre os meios de comunicação, Carolyn Kitch, da Temple University, dos Estados Unidos da América, faz a análise da forma como o jornalismo contemporâneo se apropria da memória, e Juan Francisco Gutiérrez Lozano, da Facultad de Ciencias de la Comunicación da Universidad de Málaga, Espanha, avalia o conceito de memória na televisão e as novas formas de consumo surgidas.

Aurora traz ainda a instigante coluna do professor Bruno Reis, da Universidade de Cabo Verde, pesquisador do tema, a quem agradecemos a ajuda nesta edição, e a resenha do livro de Manuel Castells, *Comunicación y Poder*, ainda inédito em português, escrita pelo professor e pesquisador Eduardo Viveiros. Por fim, a entrevista publicada nesse número com Carolyn Christov-Bakargiev, diretora da mais importante mostra de arte contemporânea do mundo, a Documenta 13, que será realizada em Kassel, Alemanha, em 2012, feita por Fábio Cypriano, jornalista da Folha de São Paulo e professor da PUC-SP, a quem só temos a agradecer.

O tema escolhido nessa edição da Aurora é central para a compreensão dos processos de sociabilidade e das relações de poder, bem como da constituição da identidade e da cultura. Os textos publicados revelam o interesse pelo tema em diferentes partes do mundo. São diferentes abordagens que se complementam e indicam outras possibilidades de pesquisas e debates. Esperamos que essa edição seja apreciada pelo leitor e que propicie inquietações e desdobramentos.